

1

A história de Paulo, suas viagens missionárias e sua ação evangelizadora

PAULO DE TARSO

O apóstolo Paulo nasceu entre os anos 5 e 10 d.C., na cidade de Tarso da Cilícia (At 9,11; 21,39; 22,3). Era filho de judeus, da tribo de Benjamin e, como era o costume, foi circuncidado ao oitavo dia. São Jerônimo informa que seus pais eram de Giscala, na Galileia. Paulo cresceu seguindo a mais perfeita tradição judaica (Fl 3,5). Tinha uma irmã e um sobrinho que moravam em Jerusalém (At 23,16). Sua profissão era artesão, fabricante de tendas (At 18,3). Seu estado civil é um tanto incerto, ainda que, na maioria das vezes, se afirme que era solteiro. De fato, em 1Cor 7,8 ele escreve: “Aos solteiros e às viúvas, digo que seria melhor que ficassem como eu”. Mas, em 1Cor 9,5, ele escreve: “Não temos o direito de levar conosco nas viagens uma mulher cristã, como fazem os outros apóstolos e os irmãos do Senhor e Pedro?”.

Ainda jovem, foi para Jerusalém e, na escola de Gamaliel, se especializou no conhecimento da sua religião. Tornou-se fariseu, ou seja, especialista rigoroso e irrepreensível no cumprimento de toda a Lei e seus pormenores (At 22,3). Cheio de zelo pela religião, começou a perseguir os cristãos (Fl 3,6; At 22,4s; 26,9-12; Gl 1,13). Esteve presente no martírio de Estêvão, cujos mantos foram depositados aos seus pés (At 7,58). Continuou perseguindo a Igreja (At 8,1-4; 9,1-2), até que se encontrou com o Senhor Jesus na estrada de Damasco (At 9,3-19). A experiência com Jesus mudou completamente

sua vida. De perseguidor passou a ser o anunciador até sua morte, provavelmente em 68 d.C.

Era um homem bem preparado: além de conhecer bem sua religião (o que pode ser comprovado pelas muitas citações que ele faz do Antigo Testamento), possuía boas noções de filosofia e do método da retórica, bem como das religiões gregas do seu tempo, além de conhecer bem o idioma grego. Em Tarso, sua cidade natal, havia escolas filosóficas ligadas aos estoicos e cínicos, e também escolas de educadores como Atenodoro, que nasceu também em Tarso e foi professor e amigo do imperador Augusto. Algumas vezes, Paulo utiliza frases desse educador: “Para toda criatura, a sua consciência é Deus” (Rm 14,22a); ou: “Guarde para você, diante de Deus, a consciência que você tem”, ou ainda: “Comporte-se com o próximo como se Deus visse você, e fale com Deus como se os outros ouvissem você” (1Ts 2,3-7). Esforçava-se para compreender o modo grego de viver e era cidadão romano (At 16,37s; 22,25-28; 23,27), embora não mencione isso em suas cartas, como se o desprezasse, pois, para ele, a verdadeira cidadania é de outro tipo (Fl 3,20). Soube, porém, tirar proveito desse título, bem como de toda a bagagem cultural adquirida, para conduzir todos a Jesus (1Cor 9,19-22).

Lendo suas cartas, percebemos o caráter e o temperamento do Apóstolo: às vezes, muito meigo e carinhoso, outras vezes, severo. Não abria mão das suas ideias e ameaçava com castigos



Judeu lendo a Torá. Paulo é exemplo de dedicação ao estudo da Palavra de Deus.

quando era contrariado (1Cor 4,21). Escrevendo às comunidades, comparava-se à mãe que acaricia os filhinhos, sendo capaz de dar a vida por eles (1Ts 2,7-8). Sentia pelos fiéis as dores do parto (Gl 4,19). Amava-os, por isso se sacrificava ao máximo por eles (2Cor 12,15). Mas era também o pai que educava (1Ts 2,11), que, por meio do Evangelho, conduzia as pessoas à vida nova (1Cor 4,15). Pelas comunidades que fundou sentia o ciúme de Deus (2Cor 11,2), temendo que elas perdessem a fé. Quando se fazia necessário, exigia obediência (1Cor 4,21).

Muitas vezes, Paulo é apresentado como alguém distante do povo e das suas comunidades, incapaz de manifestar sentimentos, indiferente ao drama das pessoas, anti-feminista, moralista etc. Os que veem Paulo com esses olhos esquecem-se de suas viagens, cadeias, sofrimentos, perigos e, sobretudo, de sua paixão por Jesus e pelo povo (2Cor 11,23-29). Era capaz de amar todos os membros de todas as comunidades, sem distinção, chamando-os de “queridos” e “amados” ou “irmãos”. Queria que todos fossem fiéis a Deus. Assim se tornariam seus filhos, como era Timóteo (1Cor 4,17). É interessante ler as suas cartas e observar a frequência com que ele usava expressões, tais como: tudo, todo, sempre, continuamente, sem cessar etc., expressando sua constante preocupação para com todos. Basta uma leitura mais cautelosa das suas cartas para descobrir que Paulo não é assim tão insensível e que todo o seu apostolado vem carregado de sentimentos: “Nós vos falamos com toda liberdade, ó Coríntios, o nosso coração se dilatou. Não é estreito o lugar que ocupais em nós, mas é em vossos corações que estais na estreiteza. Pagai-nos com igual retribuição; falo-vos como a filhos: dilatai também vossos corações!” (2Cor 6,11-13).

Ele encontrou dificuldade para ser aceito como apóstolo. As suspeitas vinham do fato de ter sido um perseguidor e, sobretudo, porque não foi escolhido pessoalmente por Jesus. Quatorze anos após sua conversão, subiu a Jerusalém junto com Barnabé, para o Primeiro Concílio, onde defendeu a não circuncisão para os pagãos (At 15). Ele mesmo se defendeu das acusações (Gl 1,12, 2Cor 9,2-3; 12,1-4). Para ele, anunciar o Evangelho era uma obrigação: “Ai de mim se eu não anunciar

o Evangelho!” (1Cor 9,15-17).

Em sua incansável missão de anunciar o Evangelho, Paulo sofreu muito, mas não desistiu. Ele mesmo relata algumas das situações difíceis pelas quais passou: “Muitas vezes, vi-me em perigo de morte. Dos judeus recebi cinco vezes os quarenta golpes menos um. Três vezes fui flagelado. Uma vez apedrejado. Três vezes naufraguei. Passei um dia e uma noite em alto-mar. Fiz numerosas viagens. Sofri perigos nos rios, perigo dos ladrões, perigos por parte de meus irmãos de estirpe, perigos dos gentios, perigos na cidade, perigos no deserto, perigos no mar, perigos dos falsos irmãos! Mais ainda: fadigas e duros trabalhos, numerosas vigílias, fome e sede, múltiplos jejuns, frio e nudez!” (2Cor 11,23b-27). Teve de lutar contra os falsos missionários (2Cor 11,10-13) que anunciavam um Evangelho fácil, que fugiam da humilhação e da tribulação. Anunciavam um Jesus sem a cruz. Paulo anunciava o Jesus Crucificado, ainda que isso fosse escândalo (1Cor 1,23). É importante notar que, para os judeus, alguém que fosse condenado à morte e suspenso numa árvore era considerado um maldito de Deus (Dt 21,22-23). Porém, a cruz não era o fim. O mesmo Jesus da cruz é também o Jesus Ressuscitado (1Cor 15).

A reconstrução da vida de Paulo pode ser feita mediante duas fontes principais, a saber:

- 1** Passagens de suas cartas autênticas, principalmente: 1Ts 2,1-2.17-18; 3,1-3a; Gl 1,13-23; 2,1-14; 4,13; Fl 3,5-6; 4,15-16; 1Cor 5,9; 7,7-8; 16,1-9; 2Cor 2,1.9-13; 11,7-9.23-27.32-33; 12,2-4.14.21; 13,1.10; Rm 11,1c; 15,19b.22-32; 16,1;
- 2** Passagens de Atos dos Apóstolos: At 7,58; 8,1-3; 9,1-30; 11,25-30; 12,25; 13,1-28,31.

No entanto, na reconstrução da vida de Paulo, deve-se dar preferência ao que Paulo nos conta acerca de si mesmo, pois a história de Lucas sobre a atividade missionária de Paulo está condicionada por suas pronunciadas tendências literárias e preocupações teológicas.

PAULO E OS ATOS DOS APÓSTOLOS

Se Lucas, na segunda parte dos Atos (16-28), fala unicamente da atividade do apóstolo Paulo, isso não significa que ele tenha sido o único missionário evangelizador. Paulo tornou-se o símbolo de todos os missionários que souberam levar a Boa-Nova de Jesus Cristo pelo mundo afora. E ele sozinho não teria atingido seu êxito, se não fosse a grande ajuda de tantas pessoas que com ele abraçaram a fé, que o acolhiam em suas casas (At 16,15.34; 18,3.7) ou que contribuíram com alguma ajuda para as suas necessidades (Fl 4,15-16; 2Cor 11,9).

Também é importante notar que nem sempre podemos ficar somente com as informações históricas que Lucas nos dá sobre Paulo. Alguns estudiosos simplesmente as ignoram, já que, lendo os Atos, descobre-se que o objetivo principal de Lucas não é tanto a informação histórica, mas a transmissão da mensagem. Outros estudiosos tomam os dados dos Atos com cautela e tentam conciliá-los com os dados das cartas, sobretudo sobre as suas viagens.

Os Atos dos Apóstolos foram escritos cerca de 15 anos após a morte do apóstolo Paulo. Como se sabe, Paulo não era muito bem-aceito em certos grupos cristãos. Lucas tentou resgatar a imagem e o trabalho evangelizador de Paulo, que é, para Lucas, a figura ideal para representar o caminho do discípulo na história. Um caminho feito de testemunhos em meio aos conflitos. Mostra, portanto, que o caminho do discípulo não é diferente do caminho do Mestre (cf. o Evangelho de Lucas). Por isso, serve-se de alguns (não todos) fatos marcantes da vida de Paulo, apresentando-os a seu modo e segundo sua visão.

A estrutura dos Atos dos Apóstolos, muitas vezes, coincide com a do Evangelho de Lucas. Mas nem sempre os Atos e as cartas coincidem nas informações. E, nesses casos, devemos dar mais crédito às cartas. Dois exemplos comprovam isso. Comparando At 17,17 e 18,5 com 1Ts 3,1a.6a, Lucas afirma: “Enquanto Paulo esperava em Atenas, ficou revoltado ao ver a cidade cheia de ídolos [...]. Quando Silas e Timóteo chegaram da Macedônia, Paulo se dedicou inteiramente à Palavra, testemunhando diante dos judeus que Jesus era o Messias”. Paulo, contudo, tem outra versão: “Assim, não mais podendo aguentar, resolvemos ficar sozinhos em Atenas, e enviamos a

vocês Timóteo [...]. Agora, Timóteo acaba de chegar da visita que fez a vocês, trazendo boas notícias sobre a fé e o amor de vocês”. A comparação mostra claramente a diferença. De acordo com os Atos, Paulo estava sozinho em Atenas. Quando os dois companheiros chegam, Paulo já está em Corinto. De acordo com a 1Ts, Paulo e Silas ficam sozinhos em Atenas e Timóteo vai e volta sozinho de Tessalônica. Evidentemente, deve-se dar crédito à versão de Paulo.

Outro exemplo vem de 2Cor 11,24-25, em que Paulo afirma: “dos judeus recebi cinco vezes os quarenta golpes menos um. Fui flagelado três vezes; uma vez fui apedrejado; três vezes naufraguei; passei um dia e uma noite em alto-mar”. Olhando para o que Lucas diz de Paulo nos Atos, podemos perguntar: Onde estão as referências às cinco vezes em que Paulo afirma ter sido punido com as 40 chicotadas menos uma? Lucas ignora completamente as 195 chicotadas que Paulo recebeu. E onde os Atos falam de flagelações? Lucas contenta-se em narrar uma (At 16,22-23), omitindo as demais. Por quê? Certamente, porque em seus planos bastava narrar uma flagelação. Nos Atos, não se mencionam as três flagelações.

Também Lucas narra somente o grande naufrágio da quarta viagem (na qual talvez estivesse presente). E lembramos que, quando Paulo escreve suas cartas, ainda estamos na terceira viagem. E mesmo assim garante ter passado 24 horas em alto-mar. O certo, porém, é que a vida e a obra de São Paulo são bem maiores do que aquilo que nos relatam os Atos e as cartas.

POSSÍVEL CRONOLOGIA DA VIDA DE PAULO

Não é fácil datar corretamente a vida e a atividade de Paulo. Segue um possível esquema:

+ ano 5:	Nascimento em Tarso.
+ ano 11:	Começa a frequentar a escola na Sinagoga.

+ ano 20:	Muda-se para Jerusalém para estudar e tornar-se fariseu na Escola de Gamaliel.
+ ano 35:	Experiência no caminho de Damasco: a conversão.
Até o ano 37:	Está na Arábia, depois em Damasco e faz uma rápida viagem a Jerusalém (Gl 1,17-18).
Até os anos 44 ou 45:	Passa alguns anos em sua terra natal, Tarso.
No ano 45:	Estadia em Antioquia da Síria.
Anos 46 a 48:	Primeira viagem missionária.
Ano 49:	Em Jerusalém para o Primeiro Concílio da Igreja (At 15,1-35).
Anos 49 a 52:	Segunda viagem missionária.
Anos 53 a 58:	Terceira viagem missionária.
Anos 59 a 62:	Quarta viagem missionária.
Ano 68:	Morre mártir em Roma.

A FORMAÇÃO DE PAULO

A formação de Paulo é robusta. Vamos compreendê-la melhor lendo alguns textos bíblicos:

- a** “É na qualidade de Paulo, velho e agora também prisioneiro de Cristo Jesus” (Fm 9). “As testemunhas depuseram seus mantos aos pés de um jovem chamado Saulo” (At 7,58b).

Não é possível determinar a data de nascimento de Paulo. Em Fm 9, ele chama a si mesmo “velho”, isto é, tendo entre 50 e 56 anos de idade, o que significaria

que nasceu na primeira década do séc. I d.C. Lucas descreve Saulo como um “jovem” em pé no apedrejamento de Estêvão, isto é, tendo entre 24 e 40 anos;

- b** “Pois eu também sou israelita, da descendência de Abraão, da tribo de Benjamim” (Rm 11,1b).

Paulo, em suas cartas, nunca diz onde nasceu, mas seu nome, *Paulos*, o ligaria a alguma cidade romana. Ele se orgulha de sua formação judaica e remontava sua linhagem até a tribo de Benjamim (Rm 11,1; Fl 3,5; 2Cor 11,22). Ele era um “israelita”, um “hebreu, nascido de hebreus..., segundo a Lei, um fariseu” (Fl 3,6), uma pessoa que se distinguia “no zelo pelas tradições paternas” e alguém que excedia seus compatriotas da mesma idade “no judaísmo” (Gl 1,14). Ao chamar-se de “um hebreu”, ele talvez quisesse dizer que era um judeu de fala grega que também sabia falar aramaico e ler o Antigo Testamento no original. Contudo, as cartas de Paulo revelam que ele conhecia bem o grego e podia escrever nessa língua e que, ao se dirigir às igrejas gentílicas, usualmente citava o Antigo Testamento em grego (LXX). Os vestígios de diatribe retórica estoica em suas cartas mostram que ele recebeu uma educação grega;

- c** “Eu sou judeu, de Tarso, da Cilícia, cidadão de uma cidade insigne” (At 21,39).

Lucas também apresenta Paulo como “um judeu”, como “um fariseu” nascido em Tarso, cidade helenística da Cilícia (At 22,3.6; 21,39), como tendo uma irmã (23,16) e como um cidadão romano por nascimento (22,25-29; 16,37; 23,27). Se as informações de Lucas sobre as origens de Paulo estão corretas, elas ajudam a explicar tanto a formação helenística quanto a judaica de Paulo.

Na reorganização da Ásia Menor por Pompeu, em 66 a.C., Tarso se tornou a capital da província da Cilícia. Mais tarde, foram concedidas à cidade liberdade,

imunidade e cidadania por Marco Antônio, e Augusto confirmou esses direitos, o que pode explicar as ligações romanas de Paulo. Tarso era um conhecido centro de cultura, filosofia e educação. Estrabão conhecia suas escolas como superiores às de Atenas e Alexandria e seus alunos como cilícios nativos, não estrangeiros. Atenodoro Cananita, filósofo estoico e professor do imperador Augusto, retirou-se para lá em 15 a.C. e recebeu a tarefa de revisar os processos democráticos e civis da cidade. Outros filósofos, estoicos e epicuristas também se estabeleceram e ensinaram ali. Romanos famosos visitaram Tarso: Cícero, Júlio César, Augusto, Marco Antônio e Cleópatra. Por isso, o Paulo descrito por Lucas, em Atos dos Apóstolos, pode gabar-se de ser um “cidadão de uma cidade insigne” (21,39).



*Jerusalém. Paulo é um cidadão urbano:
de cidade em cidade ele passa semeando comunidades.*

- d** “Eu sou judeu. Nasci em Tarso, da Cilícia, mas criei-me nesta cidade, educado aos pés de Gamaliel na observância da Lei de nossos pais, cheio de zelo por Deus” (At 22,3).

Paulo também se vangloria de ter sido “criado nesta cidade de Jerusalém e educado aos pés de Gamaliel”

(At 22,3). Embora o retrato da juventude de Paulo, delineado em Atos, vivida em Jerusalém possa explicar sua formação e seu modo de pensar semita, o próprio Paulo nunca profere uma palavra acerca desse aspecto de sua juventude. Embora o modo de argumentação de Paulo e o uso do Antigo Testamento se assemelhem aos dos eruditos judeus contemporâneos da Palestina, sua dependência das tradições rabínicas é mais suposta que provada. No final das contas, a única evidência de que Paulo foi treinado por um personagem rabínico como Gamaliel é a declaração de Atos.

A CONVERSÃO

Os Atos relatam três vezes a conversão de Paulo, e as versões nem sempre são iguais. Antes, os relatos se complementam e se justificam. A primeira vez (At 9,1-25) insere-se no contexto do martírio de Estêvão e de outras conversões. Encaixa-se entre a conversão do eunuco etíope (8,26-40) e a de Cornélio (10,1-11,18). Na segunda vez, o relato é feito aos judeus (22,1-21). E a terceira vez (26,1-23) é narrada diante das autoridades políticas (judeus e não cristãos). No plano de Lucas, os três relatos da conversão de Paulo seriam uma espécie de proclamação universal: aos cristãos, aos judeus e aos não judeus. Lucas deseja mostrar o universalismo da mensagem de Paulo.

O evento de Damasco foi sempre conhecido historicamente como a “conversão de São Paulo” (comemorada no dia 25 de janeiro). Porém, Paulo não utiliza nunca a palavra *metanoia* (*conversão*). Também o que aconteceu com Paulo não segue o sentido que, no Antigo Testamento, os profetas davam a *metanoia*: “voltar”; “retornar”. Paulo não retornou ao farisaísmo, ao contrário: abandonou o rigor da Lei.

Sabemos que Paulo havia se tornado um fariseu sem reprovação (Fl 3,6b). Era o máximo que um fariseu poderia alcançar: ser chamado de “irrepreensível”, isto é, que observasse toda a Lei, cumprindo seguramente os 613 preceitos. Um judeu observante seguia 613 preceitos, baseados na Lei. Desses, 365 (número dos dias do ano) são em forma negativa: “Tu não

farás...”, e 248 (número dos ossos do nosso corpo) são em forma positiva: “Tu farás...”. Os fariseus (palavra que significa “separados”) de fato acreditavam que o Messias viria quando todo o povo cumprisse a Lei fielmente, considerando o “povo da terra” e da Galileia uns “malditos” porque não cumpriam a Lei (Jo 7,49).



A conversão é essencial para seguirmos os passos e o projeto de Jesus.

Portanto, o que Paulo faz é “encontrar” o verdadeiro caminho; encontrar-se com o Senhor. Depois da experiência no caminho de Damasco, ele volta a estudar tudo o que tinha aprendido e se dedica a conhecer a mensagem de Jesus. Sem dúvida, um longo processo até abraçar de vez o seguimento de Jesus Cristo e tornar-se o grande evangelizador.

PAULO E JESUS

Paulo seguramente não viu o Jesus histórico nem ouviu sua voz e suas palavras. Teve uma forte experiência com o Cristo Ressuscitado (At 9,3-9; 1Cor 15,8). Alguns não queriam reconhecê-lo como apóstolo pelo fato de não ter sido um dos doze apóstolos, de não ter sido escolhido por Jesus e de não ter vivido com ele.